

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Navegando pelo Rio Javaés: uma apreciação a dois sobre a toponímia histórica javaé¹

Sailing down the Javaés River: a twofold appreciation of the javaé's historical toponymy



Ricardo Têwaxi Javaé

Escola Indígena aldeia Canoanã, Formoso do Araguaia, Tocantins.
ricatewa@gmail.com



Patrícia de Mendonça Rodrigues

Consultora autônoma.
dituhe@hotmail.com

2

Resumo: Resultado de uma parceria entre um professor javaé e uma antropóloga brasileira, o trabalho discute o modo como o Rio Javaés, além de crucial fonte de recursos naturais, é apropriado histórica e simbolicamente pelos Javaé, um povo indígena de pescadores tradicionais, por meio de uma complexa toponímia, cujo conhecimento é transmitido entre as gerações. Os autores analisam as informações históricas, geográficas, cosmológicas e ambientais, entre outras, contidas nesse denso mapeamento nativo de um trecho do Rio Javaés, entre a aldeia Canoanã e as proximidades da Barra do Rio Verde, mapeamento este que é feito tradi-

¹ A versão original deste artigo foi apresentada pelos dois autores no CIPIAL, Brasília, de 3 a 5.7.2019, no Simpósio Temático 16: Estratégias decoloniais de produção de conhecimentos e fortalecimento das identidades indígenas.

cionalmente pelos Javaé ao longo de todo o rio e também pelos Karajá em relação ao Rio Araguaia. O texto questiona premissas de temporalidade e espacialidade associadas à clássica divisão eurocêntrica entre natureza e cultura.

Palavras-chave: Javaé, toponímia, natureza/cultura, espaço/tempo.

Abstract: The article, a result of a partnership between a Javaé teacher and a Brazilian anthropologist, discusses the way the Javaés River, a crucial source of natural resources, has been appropriated symbolically and historically by the Javaé through a complex toponymy. This knowledge is transmitted along generations by the Javaé, an indigenous people of traditional fishers. The authors analyze the historical, geographic, cosmologic and environmental information, among others, included in this dense native mapping of a portion of the Javaés River, between Canoanã village and the neighborhood of Barra do Rio Verde. This mapping is traditionally made by the Javaé along the whole Javaés River and by the Karajá along the Araguaia River. The text question premises of temporality and spatiality associated to the classic Eurocentric division between nature and culture.

Keyword: Javaé, toponymy, nature/culture, space/time.

Uma viagem no tempo/história e no espaço/território javaé

O presente artigo tem origem em uma parceria desde 1990 entre um professor javaé, *Tèwaxi*², que fez o curso de Ciências da Cultura na Educação Intercultural Indígena da UFG e concluiu o Mestrado da UFT em Ciências do Ambiente (o primeiro Mestre javaé)³, e uma antropóloga brasileira, Patrícia de Mendonça Rodrigues, que realizou pesquisas entre os Javaé (autodenominados Inỹ) para sua dissertação de Mestrado pela UnB e tese de Doutorado pela Universidade de Chicago⁴, e entre os Javaé e Karajá para identificações oficiais de terras indígenas para a FUNAI⁵.

Essa interlocução etnográfica, intelectual e afetiva acarretou significativo impacto nas trajetórias acadêmicas e de vida de ambos. Tendo como foco a pesquisa de *Tèwaxi* a respeito da importância central e histórica do Rio Javaés na vida de seu povo, este trabalho se propõe a discutir, por um lado, o modo como o rio é vivido pelos Javaé, um povo de pescadores tradicionais, enquanto local de origem cósmica, morada permanente dos seres invisíveis que controlam os recursos essenciais à sobrevivência, como os peixes e os animais, e referencial concreto de episódios mítico-históricos cultivados pela memória oral.

Por outro lado, será discutido brevemente o modo como categorias eurocêntricas de tempo e espaço, associadas aos conceitos de natureza e cultura, problematizadas pela Antropologia, são inapropriadas para descrever os conceitos javaé que estruturam a sua percepção do próprio Rio Javaés e as narrativas nativas sobre o surgimento dos humanos em um lugar profundo, abaixo do leito

² Em seus documentos oficiais, *Tèwaxi* teve o nome gravado erroneamente como Ricardo *Tenaxi* Javaé, nome este que ficou como referência para seus trabalhos acadêmicos.

³ *Tenaxi* Javaé (2019).

⁴ Rodrigues (1993, 2008b).

⁵ Rodrigues (2008a, 2010, 2013b, 2015, 2018).

dos rios, e sua posterior reprodução histórica no nível terrestre em que vivemos. Essa discussão leva a uma crítica da colonialidade do poder e do saber, mas esta não será o foco do artigo.

Em junho de 1997, tivemos a oportunidade de realizar uma viagem conjunta de pesquisa pelo Rio Javaés, durante 10 dias, entre as aldeias Canoanã e Boto Velho, quando visitamos aldeias existentes no caminho, afluentes do rio, como o Loroti e o *Dejueho*, lagos vizinhos, sítios tradicionais abandonados (das aldeias *Hedèduraluku* e *Wyhy Raheto Dijarana*) e realizamos um inédito levantamento dos nomes dos trechos do rio. Essa viagem no território/espaço e na história/tempo javaé teve a companhia de nossos respectivos pais (ver Figuras 1, 2 e 3 a seguir⁶).

O pai de *Tèwaxi*, José *Wèrèkumari*, já idoso, era muito respeitado pelo comportamento honrado e tido como uma grande referência da memória local. *Wèrèkumari* tinha o antigo conhecimento da toponímia relacionada aos trechos significativos do Rio Javaés, conhecido como *Bero Biawa*, o “Rio Companheiro” do Araguaia.

Zezinho, como era conhecido, tinha o interesse nostálgico de viajar até a aldeia Boto Velho, situada em local de importantes eventos da memória oral javaé, como o fogo mítico de *Inỹwèbohona*, onde havia estado em sua juventude, cerca de 50 anos antes, e nunca mais retornado. Originário da grande e antiga aldeia *Wariwari*, ele era membro do pequeno grupo familiar de sobreviventes que fundou a aldeia *Kanoanõ* (Canoanã) em 1946 ou 1947 junto a um local de origem mítica do povo Javaé (*Torohoni ryna*).

Nas décadas de 30 e 40, epidemias desconhecidas trazidas pelas frentes de colonização dizimaram centenas de pessoas em poucos anos nas antigas aldeias javaé, como *Marani Hãwa* e *Wariwari*, as maiores de todas. As mortes sucessivas levaram a acusações de feitiçaria, conflitos internos e dispersão de famílias, impondo uma

⁶ Rodrigues (2008b, 2015).

reconfiguração espacial aos moradores das aldeias, que saíram do interior da Ilha do Bananal, em sua maioria, para as margens do Rio Javaés. Até o início do século 20, os Javaé viviam em mais de 40 aldeias⁷ e foram estimados em 1000 pessoas em 1908 (Krause, 1943), alcançando cerca de 300 pessoas apenas em 1976 (Cruvinel, 1976). O terror da perda de um grande número de parentes e conhecidos em função de vírus desconhecidos, que agora assombra a humanidade, foi vivenciado pelos Javaé e Karajá naquela época de modo traumático, causando uma ruptura irreversível entre um antigo e duradouro modo de vida e os novos tempos de convivência cada vez maior com os brancos e perdas territoriais. Canoanã e Boto Velho foram fundadas na década de 40, em lugares de antigos eventos mitológicos, segundo a tradição oral, nesse novo contexto de fuga de doenças mortais para as quais os Javaé não tinham imunidade. Na década de 90, época de nossa viagem, a população indígena estava em franca recuperação.

Nós dois, por outro lado, tínhamos o interesse na viagem em si, repleta de atrações irresistíveis em um rio espetacular, e em aprender/registrar esses nomes dos trechos do rio que eram mais um componente do mapeamento socioeconômico, ambiental, cultural e histórico que os *Iny* fazem de seu território de ocupação tradicional. Enquanto *Tèwaxi* queria adquirir esse conhecimento dominado por seu pai para dar continuidade a uma antiga tradição de seu povo, Patrícia desejava aprofundar sua pesquisa de doutorado sobre o complexo universo javaé. A viagem era também uma oportunidade para *Tèwaxi* e Zezinho visitarem parentes queridos e locais especiais importantes, como lagos de pesca abundante, e para Patrícia conhecer pela primeira vez aldeias e paisagens sobre as quais tanto ouvira falar a respeito com grande interesse.

⁷ Rodrigues (2008a, 2008b, 2010).

Além desse aprendizado intelectual sobre lugares de um passado denso, repletos de uma história conhecida apenas pelos Javaés, a viagem teve para nós dois um componente afetivo que nos marcou para sempre, pois fomos acompanhados por nossos pais nesses dez dias de acampamentos em praias desertas tomadas por ninhos de centenas de pássaros aquáticos que começavam a voar e a cantar antes do amanhecer, dormidas nas aldeias, refeições improvisadas ao redor de fogueiras, pescarias, caminhadas longas no varjão⁸ para conhecer o antigo cemitério e o lago de *Wariwari*, banhos de rio, muito sol, muitos risos, muitas histórias, muitas trocas de experiências. *Tèwaxi* e seu pai dormindo em esteiras tradicionais, Patrícia e seu pai em redes, todos com os mosquiteiros indispensáveis. Zezinho com sua espingarda, Ary com a canoa de alumínio e o motor de 15 HP que trouxera de Brasília especialmente para fazer essa viagem, a pedido de sua filha. Zezinho digerindo o espanto com as mudanças na paisagem que conhecera há 50 anos, Ary mais vivo do que nunca ao reviver as viagens de aventuras ao Araguaia da sua juventude. Patrícia com seu caderno e seu gravador, *Tèwaxi* fazendo a mediação e a tradução entre o que seu pai explicava e a antropóloga perguntava enquanto a canoa deslizava pelas águas da vazante, que secavam visivelmente a cada dia que passava.

Tivemos também surpresas, acidentes e tristezas, como nos dias em que Ary queimou a pele da mão no fogo ou teve seu dedão do pé mordido por uma piranha, que lhe arrancou um pedaço, e foi socorrido por um kit de primeiros socorros nas duas ocasiões. Ou quando encontramos uma vaca atolada na margem do rio, só com a cabeça de fora, há dias sem comer e beber, e tivemos que abandoná-la mortificados, sem poder fazer nada para aliviar o seu sofrimento. Na nossa canoa de 5 metros, repleta e pesada com a nossa tralha sem fim, ainda encontramos lugar para as laranjas e bananas que

⁸ Termo regional para as savanas inundáveis típicas da região.

apanhamos ao longo do rio nos pomares abandonados dos antigos posseiros e retireiros⁹ da Ilha do Bananal, que exatamente naquele ano haviam sido removidos da terra indígena por ordem judicial.

Essa viagem sempre esteve presente nos muitos encontros que tivemos nos anos seguintes, seja em Brasília ou na Ilha do Bananal. O conhecimento adquirido naqueles dias serviu para *Tèwaxi* como matéria prima de um projeto de pesquisa que resultaria em sua dissertação de Mestrado, muitos anos depois, sobre a relação visceral de seu povo com o Rio Javaés. Patrícia passou a incorporar a toponímia nativa, referente a diferentes trechos dos rios Javaé e Araguaia, como fonte primordial em vários relatórios oficiais de identificação de terras tradicionais dos povos Karajá e Javaé no Médio Araguaia. Mantivemos contato por todos esses anos, evoluindo de ligações no orelhão comunitário das aldeias para mensagens por *whatsapp* e *e.mail*. Nosso aprendizado mútuo se manteve também durante a escrita de nossos trabalhos acadêmicos, seja presencialmente ou por meios digitais, até que decidimos apresentar este artigo, juntos, em um congresso internacional de povos indígenas em Brasília em 2019. O texto foi inspirado primordialmente na dissertação de *Tèwaxi*, mas mantém um diálogo com outros textos de Patrícia.

Tèwaxi sempre lembrava como aquela viagem foi importante para seu pai, que faleceu muitos anos depois sem nunca mais ter retornado àquelas paisagens do nosso roteiro.

A importância dos rios

Os Javaé e Karajá são habitantes tradicionais do médio Araguaia, na região da grande Ilha do Bananal, a maior ilha fluvial do mundo e o centro cosmológico do seu território de ocupação ime-

⁹ Retiro é o nome das habitações rústicas dos vaqueiros que cuidam do gado que entra na Ilha do Bananal todos os anos, na estiação, para se alimentar das pastagens naturais nativas.

morial, desde antes da colonização. Eles têm uma associação íntima e profunda, em vários níveis de complexidade, com o grande Rio Araguaia e seus afluentes, em especial o Rio Javaés, que forma a Ilha do Bananal. Tradicionalmente, os Karajá ocupam a porção oeste da Ilha do Bananal, enquanto os Javaé ocupam a sua porção leste, tendo o Riozinho (*Wabe Bero*) com o principal divisor longitudinal entre os dois territórios. O território de ocupação tradicional dos Karajá e Javaé situa-se em uma peculiar zona de transição entre os biomas do cerrado e da Amazônia, cujo ecossistema baseia-se na relação entre o ciclo anual das chuvas e os recursos hídricos da região. Conhecido pela piscosidade fora do comum, o Rio Araguaia inunda extensas áreas de várzea periodicamente, conhecidas regionalmente como “varjão”, incluindo a Ilha do Bananal, com cerca de 2.000.000 de ha e coberta em sua quase totalidade por campos de várzea e ilhas de mata (conhecidas regionalmente como “capões de mato” ou “torrões”). Os recursos naturais da região dependem completamente da abundância das águas que inundam os varjões periodicamente e irrigam os rios e lagos em toda a bacia do Araguaia.

Essa grande planície de várzea, como em uma paisagem de savanas inundáveis, é constituída por um grande número de rios e uma infinidade de lagos, de características e tamanhos diferenciados, imprescindíveis às suas atividades produtivas tradicionais, especialmente a pesca, os quais constituem um mesmo conjunto socioambiental do ponto de vista dos Karajá e Javaé. Além dos cursos d’água permanentes, existem outros intermitentes, que só têm existência durante a estação cheia, quando o Rio Araguaia transborda e alaga os campos de varjão em seu leito alargado. Devido ao complexo sistema de inundações de vastas áreas, os cursos d’água, como rios e lagos, tendem a se interligar durante a estação cheia.

O vale do Rio Javaés, por sua vez, que abrange terras dentro e fora da Ilha do Bananal e é o território de ocupação tradicional

do povo Javaé, é considerado a maior área contínua de várzeas do mundo, com mais de 500.000 ha, sendo por isso explorado por grandes projetos agrícolas de irrigação para plantação de arroz desde os anos 70. Em função desse patrimônio ambiental de alto valor, a Ilha do Bananal foi incluída pelo Brasil na Lista de Zonas Úmidas de Importância Internacional, que integra a Convenção Relativa às Áreas Úmidas de Importância Internacional, conhecida como “Convenção de Ramsar”. O acordo de cooperação internacional foi assinado na cidade iraniana de Ramsar em 1971, destinado à proteção de zonas úmidas e aves aquáticas em todo o mundo, sendo ratificado pelo Brasil em 1996.

Os conceitos nativos sobre o meio ambiente local, ou seja, as classificações etnoambientais dos Karajá e Javaé, revelam um conhecimento complexo e detalhado sobre a região em que vivem e os recursos que utilizam desde tempos pré-coloniais¹⁰. A pesca é a principal atividade de subsistência tradicional dos Karajá e Javaé, célebres como exímios pescadores, e é praticada o ano inteiro, de diversos modos, em diferentes tipos de meio ambiente aquáticos. Desde a década de 40 do século passado, a pesca comercial do pirarucu, principalmente, tornar-se-ia aos poucos a principal fonte de renda monetária dos homens Karajá e Javaé. A lista a seguir contém os principais tipos de unidades ambientais relacionados ao meio aquático e às pescarias, principalmente, de acordo com a classificação dos Karajá e Javaé.

- *Bedero*: os “varjões” ou áreas de várzea.
- *Bero*: “rio”.
- *Bero ijò*: “boca (*ijò*) do rio (*bero*)”.
- *Bero riòrè*: “filho (*riòrè*) do rio (*bero*)”, ou seja, rio pequeno.
- *Byde iweruna*: “curva” do rio

¹⁰ Ver Costa Junior (1999), Ferraz (2010), Rodrigues (2008a, 2010, 2013b, 2015, 2018).

- *Ijòti*: a “barreira”, termo regional para o barranco alto e seco na beira de um rio (*bero ijòti*) ou na beira de um lago (*ahu ijòti*).
- *Ijòtiro*: “fundo (*ro*) da barreira (*ijòti*)”, termo que se refere aos lugares mais fundos do rio, junto aos barrancos altos, conhecidos como “poções”.
- *Soo*: o “canal fundo do rio”, que não se confunde necessariamente com os poções.
- *Kòtira*: “mata ciliar”
- *Ahu*: qualquer “lago” de porte médio e de água limpa, sem excesso de vegetação aquática (capim ou mururé).
- *Ahu riòrè*: “filho (*riòrè*) do lago (*ahu*)”, os seja, “lago pequeno”.
- *Ahu hukỹ* ou *Ahu nihikỹ*: “lago (*ahu*) muito grande (*nihikỹ*)”.
- *Ahu bero*: expressão que funde as palavras lago (*ahu*) e rio (*bero*), “lago-rio”, para designar cursos d’água compridos da Ilha do Bananal e arredores que, na época da seca, são cortados em trechos separados uns dos outros, como se fossem lagos, mas que, mesmo assim, permanecem reconhecidos como partes de uma mesma totalidade. Na estação cheia, eles se parecem com rios. Um exemplo é o “lago rio” *Wariwari*, no território javaé. Nas palavras dos Karajá, “são aqueles lagos grandes que tem mururé (planta aquática) na beira, são aqueles lagos que cortam e depois emendam lá na frente, é tudo uma coisa só”.
- *Ahu bero nihikỹ*: “lago-rio (*ahu bero*) muito grande (*nihikỹ*)”.
- *Bedero Ahu*: literalmente é “lago (*ahu*) do varjão (*bedero*)”, mas se refere às lagoas que não secam durante a estação seca.
- *Syraro* ou *syraro ahu*: “lagoa” ou “alagado” do varjão que seca na estação seca. “Tem capim comprido dentro, não é um lago limpo, é um mato alagado”. “Tem muito mururé (*axiwè*) dentro”.
- *Syraro ixé*, para os Karajá, ou *kòtira bèdè usè* e *kòtira bèrè*, para os Javaé: “baixada” ou “ipuca”, termo regional para as áreas mais baixas das várzeas que não secam completamente no verão. O solo

bastante úmido, onde existem moitas densas de landi, canjirana ou cipó branco, é o refúgio predileto dos animais na estação seca. Normalmente se localizam nas proximidades dos lagos e rios.

- *Bedeixi*, para os Karajá, ou *bèdèmỹbèsè*, para os Javaé: na estação cheia, a palavra tem o sentido de “alagado” ou “baixada”. Na estação seca, pode significar “ipuca” ou “enseada” também.

- *Bèdè wowo*: palavra traduzida como “enseada”, mas no sentido da vegetação com fruteiras na beira dos rios, propícia à pescaria.

- *Bèdè sawo*: outra expressão para “baixada”, referente às áreas mais baixas de varjão (várzea) que inundam no inverno. Tem também o sentido de lugar em que se misturam as moitas mais densas de mata e as áreas de campo limpo, característica típica das várzeas.

- *Bèdè rawo*: “mata alagada”, ou seja, a área de mata que é tomada pela enchente anualmente. Quando o rio seca, pode-se ver nos troncos das árvores a marca da altura máxima em que a água chegou naquele ano.

- *Dii*: “pantanal”.

- *lyxere*: “pantanal muito fechado”, com o sentido de muito inóspito.

- *Tòla*: os Karajá traduzem a palavra como “lago de boca”, definindo-a também como um recanto de lago que cai no rio. Já os Javaé traduziram *tòla* como uma “ressaca de lago” ou “ressaca de rio”, ou seja, como uma boca larga de água, que se emenda ao rio, mais comumente, mas que tem uma circunferência pequena e por isso não chega a ser um lago. Ou como uma “perna” do rio ou do lago.

- *Ahu ijò*: “boca de lago”, ou seja, a boca ou entrada do lago, que é diferente de *tòla*.

- *Berorea*: “perna” ou “braço” do rio que se afasta e, na frente, se emenda novamente ao rio, formando uma espécie de ilha. No Rio Araguaia é muito comum.

- *Wo*: “boca franca” ou “vazante”.

- *Woro*: “poço”, lugares mais fundos nos rios.

- *Tèa*, para os Karajá, ou *lwòry*, para os Javaé: “esgoto” ou “sangra”, termos regionais para o “canal estreito” (*wòry*) que liga um lago ao varjão ou a um rio na estação cheia. Pode ser usado também como um “pequeno córrego” que se liga a cursos fluviais maiores.
- *Ahu wòry*: “canal estreito” (*wòry*) liga um “lago” (*ahu*) ao rio na estação cheia. Quando o lago fica longe do rio, a água é “derramada” pelo canal no próprio campo de várzea durante a estação cheia.
- *lwòry ijò*: a “boca” (*ijò*) do “canal” (*wòry*) que se liga ao lago.
- *Àsèwèru*, para os Karajá, ou *lèhèsèwèru*, para os Javaé: palavra para “rebojo”, termo regional para o redemoinho de águas dentro de um rio.
- *Bydè ibutè*, para os Karajá, ou *bèdè ibutè*, para os Javaé: as “ilhas” que existem no meio dos rios, muitas das quais contendo vários lagos propícios à pescaria.
- *Kỹnara*: “praia”.
- *Kỹnara bòrò*: “costas da praia”, ou seja, a parte da praia que fica na beira do mato.
- *Kỹnara jurà*: “ponta de praia”.
- *Kỹnara ityti*: “beira da praia”, no sentido do “rasura” ou “barranco de areia”.
- *Bèkòrèhè*: “lugar comprido (*rèhè*) sem água (*bèkò*), ou seja, “rasura”.

Os habitantes invisíveis dos rios e o modelo javaé de territorialidade

O Rio Javaés tem alta significância simbólica, histórica e cultural para os Javaé por várias razões, entre elas pelo fato de ser associado às moradas invisíveis dos primeiros ancestrais¹¹. Pensados como uma série de povos diferentes que viviam em um lugar escu-

¹¹ Rodrigues (1993, 2008b), Tenaxi Javaé (2019).

ro e úmido abaixo do leito dos rios, conhecido como *Berhatxi* ("o Fundo das Águas"), os ancestrais saíram em sua maioria para este plano terrestre e visível em que vivemos (*Ahana Òbira*) depois que o herói *Tanỹxiwè* (ou *Kanỹxiwè*, na versão karajá) conquistou o sol para a humanidade. Algumas das passagens entre os dois mundos são conhecidas como *Inỹ òlòna* ("lugar de saída ou surgimento dos humanos"), referindo-se aos locais exatos, existentes até hoje, de onde saíram os ancestrais dos Javaé atuais. Para cada saída há uma narrativa oral, pois cada povo que saiu trouxe algo diferente que a humanidade herdou e tinha suas peculiaridades. Há uma memória detalhada dos vários povos que existiam naquele tempo.

Os humanos que retornaram para o lugar de onde vieram, no Fundo das Águas, onde permanecem imortais até hoje, são considerados os ancestrais dos Javaé atuais. Eles se transformaram nos aruanãs (*irasò*) e comparecem mascarados aos rituais comandados pela Casa dos Homens (*Ijoi Heto*), também conhecida como "Casa dos Aruanãs" (*Ijasò Heto*). Depois da cisão mítica primordial, os ancestrais que preferiram continuar morando no Fundo das Águas, um lugar "mágico" (*xiburè*)¹², de comida abundante e inesgotável, ficaram conhecidos como *inỹ roko*, ou seja, "os humanos que restaram" (lá embaixo). Chamados de *ijasò* pelos Karajá e *irasò* pelos homens Javaé (*ijasò*, pelas mulheres), os aruanãs são os humanos imortais que moram debaixo das águas até hoje como ancestrais dos humanos sociais e mortais. Os xamãs trazem os "espíritos" (*tyky-tyby*) dos ancestrais todos os anos, em sua forma mascarada, para morar e participar dos rituais comandados pela "Casa dos Homens".

A ligação com os primeiros ancestrais é expressa também em termos territoriais, pois se acredita que eles vivem desde sempre em determinados lugares do território, ainda que invisíveis, com o quais os Javaé e Karajá têm uma relação de respeitosa re-

¹² "Mágico" é uma tradução reducionista para *xiburè*, conceito complexo que abrange uma dimensão de plenitude corporal.

verência. Esses lugares sagrados espalham-se por todo o território tradicional e um dos mais importantes, para os Javaé, situa-se no Rio Javaés, no lugar conhecido como *Torohoni ryna*, “lugar do povo *Torohoni*”, situado em frente à praia da primeira aldeia *Kanoanõ* (atual Canoanã). Segundo a consciência histórica javaé, *Kanoanõ* era o nome do líder do povo *Torohoni*, que ascendeu do Fundo das Águas exatamente nesse lugar, onde existem umas pedreiras no Rio Javaés. *Kanoanõ* teria descoberto os tipos de milho diferentes que os Javaé e Karajá plantam em suas roças.

Embora os aruanãs não sejam peixes, mas apenas humanos/ ancestrais mascarados, eles têm uma relação íntima com os peixes. Muitas das duplas mascaradas têm nomes de peixes e os Javaé acreditam que os peixes e os animais de caça pertencem e são controlados pelos aruanãs do Fundo das Águas¹³. Os ancestrais são concebidos como os “donos” (*wèdu*) dos animais e dos peixes, a quem os humanos têm que se dirigir cerimonialmente, às vezes por meio de oferendas alimentares (*xiwè*), para que os recursos da fauna sejam liberados¹⁴. Os aruanãs são tidos também como os “donos” dos lagos, rios e matas em que habitam, embora vivam em seus correspondentes invisíveis inferiores e só os xamãs sejam capazes de enxergá-los. Quando os homens vão juntos buscar peixes, quelônios e animais de caça em momentos cerimoniais importantes, os xamãs entram em contato com os aruanãs nos lugares das pescarias e caçadas para que eles liberem os animais, os quais são tidos como animais de estimação ou “bens de valor” (*nohõ*) de seus donos imortais.

Os aruanãs habitam no fundo dos lagos e rios ou nas matas que existem aqui na superfície terrestre, em unidades territoriais que são como réplicas invisíveis do território tradicionalmente ha-

¹³ As máscaras karajá foram descritas pioneiramente por Ehrenreich (1948). Para definições variadas dos “aruanãs” karajá dentro de um continuum entre animalidade e humanidade, ver Fénelon Costa (1978), Teixeira (1983), Donahue (1982), Toral (1992), Lima Filho (1994), Pétesch (2000).

¹⁴ Ver Toral (1992) e Pétesch (2000) sobre os Karajá.

bitado pelos Javaé e Karajá. A todo rio e lago significativo do nível terrestre intermediário em que vivemos, os quais são abundantes no vale do Araguaia, corresponde um rio e lago similar e invisível no nível inferior, à margem dos quais situam-se as aldeias dos aruanãs. O antropólogo norte-americano Lipkind (1940, p.249) colheu entre os Karajá a informação de que “todo poço de água, todo lugar nas profundezas do rio, todo pedaço de floresta ou várzea, tem seus donos sobrenaturais”. Toral (1992, p.148) menciona a existência desses diversos territórios subaquáticos entre os Karajá, “realizando uma ocupação paralela e simultânea” à que existe no nível terrestre¹⁵. Durante o processo de identificação de terras tradicionais de seu interesse, os Karajá e Javaé forneceram listas dos ancestrais/aruanãs respectivos que habitam os lagos e rios invisíveis da Terra Indígena *Utaria Wyhyna* (Karajá) / *Iròdu Iràna* (Javaé), à qual se sobrepõe o Parque Nacional do Araguaia (Rodrigues, 2008a), da Terra Indígena Javaé / Avá-Canoeiro (Rodrigues, 2010), no vale do Rio Javaés, e da Terra Indígena Tapirapé/Karajá (Rodrigues, 2013b), na margem esquerda do Rio Araguaia.

Além dos aruanãs, que são a classe de personagens rituais mais prestigiada e reverenciada, há outros tipos de seres invisíveis que habitam os cursos d’água e as matas, como os *latèni* e *aõni*¹⁶, os quais participam dos rituais comandados pela Casa dos Homens. Entre os Javaé, os *latèni* são considerados como os “tios maternos” (*lana*) dos aruanãs, distinguindo-se dos primeiros na forma de se apresentar em público, cantar, dançar e se comportar na aldeia (Rodrigues, 2008b). Os *aõni* propriamente ditos não são considerados como ancestrais nem como antepassados, mas são pensados sempre em relação aos aruanãs, aos quais se opõem simbolicamente. Os *aõni* são seres mágicos temidos e potencialmente canibais, muitos dos quais de aparência antropomorfa, que

¹⁵ Em seu relatório sobre a Terra Indígena Inãwébohona (Toral, 1999), o autor fornece uma lista de dezenas de aruanãs javaé e os locais que habitam na região médio-norte da Ilha do Bananal.

¹⁶ Ver Donahue (1992), Toral (1992), Rodrigues (1993, 2008b), Lima Filho (1994), Pétesch (2000).

moram no Fundo das Águas e nos aglomerados de mata isolados. Há vários tipos de *aõni*, cada um com um nome, os quais têm comportamentos agressivos, entre várias outras características que os opõem aos aruanãs belos e pacíficos nos rituais. Alguns deles participam de jogos rituais com os aruanãs, comandados pelos xamãs, enquanto outros são considerados como “donos” dos peixes e das unidades de vegetação desabitadas por humanos.

Os níveis subaquático e celeste são constituídos de uma série de “unidades territoriais definidas” (*hãwa*) dos aruanãs, separados entre si por rios, onde moram grupos de parentes (*sỹ*) distintos. Há grupos de parentes separados, mas toda a população de aruanãs do Fundo das Águas ou do Céu é concebida como uma grande parentela (assim como os Karajá e Javaé se veem).

Na Figura 4, a seguir, desenho feito por um xamã javaé (Rodrigues, 2008b, p.251), tem-se a representação dos diversos *hãwa* que existem no nível subaquático apenas na região da aldeia *Tahakala* (a atual aldeia Barreira Branca), ou seja, no espaço que existe abaixo dos rios e lagos que se situam próximos a Barreira Branca. Todos os *hãwa* representados no desenho pertencem a diferentes aruanãs, referidos pelos seus nomes: *Bisani*, *Dèbò*, *lòbèsè*, *Warakurani*, *Warareni*, *Hakiriri*, *Bejuỹ*, *Kereni*, *Irasòni*, *Ijauhi*, *Waije*, *Ijareheni*, *Iraburè*, *Iradesò*, *Benõra* etc.

Na superfície terrestre onde habitam os Javaé e Karajá, o conceito de *hãwa* se refere tanto ao lugar específico de habitação, a aldeia propriamente dita, quanto ao território adjacente de uso específico de cada aldeia para pesca, agricultura, caça e coleta.

O território javaé e karajá é tradicionalmente dividido nessas unidades territoriais de uso socioeconômico de uma aldeia maior e das aldeias menores próximas, cujos limites são muito bem definidos e conhecidos por todos¹⁷. O conjunto de unidades territoriais ou

¹⁷ Rodrigues (2008a, 2010, 2013b, 2015, 2018).

microrregiões (*hãwa*) é visto como um conjunto de unidades que se complementam em uma totalidade integrada. Diferentemente da concepção ocidental, em que unidades podem ser tomadas como entidades isoladas ou independentes, toda unidade é vista pelos Javaé como parte de um contexto maior, dentro de uma visão holista e relacional, que se aplica também ao território. O conceito de *kyrè* é traduzido mais precisamente pelos Javaé como “pedaço de outro” (Rodrigues, 2008b, p.100), de modo que todos os “pedaços” ou partes só existem na relação com um outro ou com o todo, em que o todo e a parte só são compreendidos dentro de uma visão holista de complementaridade mútua (ver Dumont, 1985).

A distribuição das aldeias e territórios de uso respectivos ao longo do eixo fluvial (Rio Javaés, no caso javaé, ou Araguaia, no caso karajá) segue o mesmo princípio, pois uma aldeia é sempre pensada em relação às outras. O desenho feito pelo xamã jávaé, já referido, enquanto representação parcial das diversas *hãwa* invisíveis habitadas por diferentes ancestrais no Fundo das Águas, fornece o modelo de ocupação territorial nativo, em que o território maior é composto de várias *hãwa* ou unidades territoriais nitidamente delimitadas.

Essa lógica holista e relacional ainda se mantém entre os Karajá e Javaé atuais, apesar da fragmentação do território original, da perda de controle sobre vastas áreas e das novas divisões políticas e legais impostas pelo Estado. As microrregiões continuam sendo pensadas em termos da relação complementar entre o todo maior e suas partes, de modo que os novos limites oficiais convivem paralelamente com a cosmovisão e as divisões territoriais internas tradicionais.

Uma densa toponímia histórica

Desde o avanço mais intensivo das frentes de colonização capitalistas para o interior do país a partir da Marcha para o Oeste, na década de 40¹⁸, e depois com a construção de Brasília, na década de 50, e o plano de ocupação da Amazônia Legal nos governos militares, nas décadas de 60 e 70, o fluxo migratório para a bacia Araguaia/Tocantins e a ocupação da região por grandes empreendimentos agropecuários, incluindo os territórios indígenas, foram fortemente impulsionados em escala cada vez maior. Como resultado direto, o grande rio tem sido intensamente impactado por esse modelo predatório de exploração dos recursos naturais e de apropriação de vastas dimensões de terra por poucos indivíduos ou grupos econômicos, baseado na desigualdade social e concentração de renda (*Tenaxi Javaé*, 2019). O impacto mais visível e dramático tem sido a diminuição drástica dos recursos naturais, principalmente a própria água dos rios, a cada ano mais secos, o que tem comprometido a capacidade de inundação das várzeas e, conseqüentemente, de renovação e reprodução da flora e fauna local.

Mesmo assim, os Karajá e Javaé ainda mantêm o hábito de realizar viagens fluviais por grandes distâncias, como experientes navegadores que são, especialmente na estação seca, adquirindo uma visão ampla sobre a região maior. Eles identificam todos os segmentos significativos dos principais rios com nomes que são conhecidos pelos navegadores e pescadores. Os mais velhos e mais viajados, porém, conhecem todos os nomes de áreas muito mais extensas, mesmo que tenham passado uma única vez no lugar, cultivando uma memória topográfica. A riquíssima toponímia javaé e karajá, que se estende para muito além dos nomes de trechos rios, incluindo unidades significativas de vegetação, da paisa-

¹⁸ Villas Boas & Villas Boas (1994), Lima Filho (2001).

gem e do ambiente aquático, entre outras, revela uma ocupação muito antiga da região, congruente com a memória oral sofisticada e de grande profundidade histórica desses povos.

Os rios Araguaia e Javaés são mapeados por nomes nativos que seguem uma sequência em uma lista que abrange toda a área navegada e que são transmitidos tradicionalmente através das gerações¹⁹. Os nomes remetem a características próprias do lugar, como a abundância de algum tipo de recurso natural, alguma marca peculiar da paisagem ou a fatos mítico-históricos que podem ser muito antigos, mas que podem também incluir nomes novos relacionados a novos acontecimentos. Ou seja, é um mapeamento geográfico, em primeiro plano, pois informa ao interlocutor exatamente o local de onde está se falando em uma grande área, histórico, pois remete a uma dimensão de níveis diferentes de profundidade histórica da qual os *Iny* têm profunda consciência, socioeconômico e ambiental, pois fornece dados sobre os recursos ambientais existentes no lugar, e também cultural/cosmológico, pois envolve categorias nativas peculiares a respeito da construção da realidade, como a relação entre os seres humanos e os outros seres dos cosmos.

Em termos gerais, os segmentos identificados estão associados às curvas que o rio vai fazendo em toda sua extensão, ora para um lado, ora para o outro, sucessivamente. A cada grande curva corresponde uma praia de verão em oposição ao lado para onde o rio joga a água. No caso karajá, a grande maioria dos nomes refere-se a praias existentes no verão, confirmando que a navegação por longas distâncias era feita principalmente na estação da seca. Os nomes referem-se às duas margens do rio, embora, muitas vezes, estejam associados a acontecimentos ou características de um dos dois lados apenas.

¹⁹ Rodrigues (2008a, 2010, 2013b, 2015, 2018), *Tenaxi Javaé* (2019).

A maioria das pessoas tende a conhecer principalmente os nomes dos trechos do rio inseridos na região específica ao redor de cada aldeia e respectiva unidade territorial (*hãwa*). A nomeação dos segmentos do rio com palavras ou expressões que são passadas de geração em geração permite a identificação exata do lugar sobre o qual se está narrando uma história e demonstra um conhecimento profundo e muito antigo da região. A prática também compõe a memória histórica nativa sobre o vale do Araguaia, pois muitos dos nomes remetem a importantes eventos mítico-históricos ocorridos no lugar. Tem-se uma espécie de “história espacial”, parecida com o que Seeger (1981) encontrou entre os Suyá, e também um mapeamento simbólico-sagrado de todo o território nativo, como no alto Xingu (Viveiros de Castro, 1977), com quem os Javaé e Karajá compartilhariam muitos traços (Rodrigues, 2008b). Poucos Javaé e Karajá têm esse conhecimento em maior profundidade, como era o caso de Zezinho *Wèrèkumari*, assim como outros conhecimentos específicos que têm variações conforme as pessoas e as aldeias a que estão mais diretamente ligadas.

A seguir, citamos uma lista de nomes sucessivos de um trecho do Rio Javaés entre a aldeia Canoanã e um ponto próximo da Barra do Rio Verde, no sentido norte/sul, começando pela própria aldeia (Rodrigues, 2010):

1. *Kanoanõ Hãwa* – sítio histórico da atual aldeia Canoanã, ocupado originalmente pela primeira aldeia *Kanoanõ*, em cujas proximidades ascendeu o líder *Kanoanõ* e seu povo, os *Torohoni*, que viviam no Fundo das Águas. A aldeia imensa, com milhares de pessoas, e em forma circular era conhecida também como *Kanoanõ hakỹ*, “aldeia *Kanoanõ* muito grande”.
2. *Koworu hukỹ* – “lugar de muita (*hukỹ*) algodoeira (*koworu*)”. A referência principal do lugar é um poço no Rio Javaés, onde existiam muitas algodoeiras, árvore nativa.

3. *Ryho Ijòti* – “barranco alto (*ijòti*) do peixe cari (*ryho*)”, nome de um lugar de barranco alto no Rio Javaés onde tem muito peixe cari.
4. *Latèkòwò* – nome de uma árvore que é abundante nesse trecho do Rio Javaés.
5. *Horenikò* – “Pé (*kò*) de babaçu (*horenì*)”. Não existe babaçu no lugar, mas no passado distante ocorreu um episódio no lugar envolvendo a palmeira. É um nome muito antigo.
6. *Wyhy Ijarana* – “lugar (*na*) onde jogaram (*ijara*) flecha (*wyhy*)”. O nome do lugar se refere a um episódio histórico de conflito entre os Javaé e os Avá-Canoeiro do Araguaia, provavelmente no século 19. *Wyhy Ijarana* corresponde à atual Barreira do Tingui e é o limite entre as unidades territoriais (*hãwa*) das aldeias Canoanã e São João.
7. *Asukò* – nome nativo da árvore “embaúba”, que é abundante no local. O lado da Ilha do Bananal é conhecido pelos não índios como Barreira do Pequi, onde existiu um vilarejo de posseiros até meados dos anos 90.
8. *Manatèrè* – sítio histórico da antiga aldeia *Manatèrè Hãwa*, que foi extinta pelos primeiros bandeirantes que chegaram à região em busca de escravos no século 18. A palavra significa “pedra (*mana*) dura (*tèrè*)”, pois as pedras *kòdò*, que auxiliavam os Javaé no cozimento das refeições, eram abundantes no lugar antes. O nome da aldeia também é associado ao nome de seu fundador, *Manatèrèhekỹ*, o “grande *Manatèrè*”. Atualmente, o local está ocupado pela sede da Fazenda Lago Grande, que destruiu as pedras e os antigos cacos de cerâmica com seus tratores.
9. *Ikòrò Tòbò Hãwa* – sítio histórico da atual aldeia São João, fundada em 1979, que foi ocupado originalmente pelos antepassados dos Javaé até o século 18, quando a aldeia foi extinta pela ação dos bandeirantes. *Ikòrò tòbò* é “o que foi lambido (*tòbò*) pela raposa (*ikòrò*)”, expressão que tem relação com a existência de muitos abacaxis selvagens (*hanona*) no lugar, bastante apreciados pelas

- raposas. Segundo outra versão, a expressão teria relação com os ovos de tartarugas que as raposas comiam na praia local. O lugar foi habitado temporariamente por famílias Javaé na década de 40.
10. *Ahu Raru ijò* – “boca (*ijò*) do Lago *Ahu Raru*”, nome do lugar onde o Lago *Ahu Raru* ou Lago do Adenor se emenda ao Rio Javaés, que é o principal ponto de entrada dos Javaé da aldeia São João nas terras da margem direita do Rio Javaés. *Ahu Raru*, literalmente, significa “coxa ou perna do lago”. Em outra versão sobre o nome do lago, *Raruhukỹ* é o nome da pessoa que entrou no lago pela primeira vez.
 11. *Kotxueni* – nome da planta “macambira”, que é abundante no local.
 12. *Itxala ijò* – “boca (*ijò*) do Rio Água Fria (*Itxala*)”. O lugar onde o Rio Água Fria cai no Rio Javaés é também o limite geral entre as microrregiões das aldeias São João e *Wahuri*.
 13. *Hatxukò* – nome da árvore “caraíba”, que é abundante no local.
 14. *Horenikò* – “Pé (*kò*) de babaçu (*horenì*)”. Assim como no trecho anterior com o mesmo nome, não existe babaçu no lugar, mas no passado ocorreu um episódio no lugar envolvendo a palmeira.
 15. *Mahakabuku* – a pessoa que deu as informações não sabia o significado dessa palavra antiga.
 16. *Hurèkèrè* – “pedaço (*kèrè*) de cachoeira (*hurè*)”, lugar de pedreiras que formam “cachoeiras” no Rio Javaés. O nome se refere ao fato de que as pedras não atravessam o rio inteiro, de uma margem a outra, mas se localizam apenas em parte ou metade do rio.
 17. *Tabàlana Hãwa* – sítio histórico da primeira aldeia *Tabàlana*, situada na margem esquerda do Rio Javaés por cerca de um ano, antes de ser transferida para o interior da Ilha do Água Fria. Fundada pelo *xamã Habàhàjà*, originário de *Marani Hãwa*, no fim da década de 30.
 18. *Hèryrihikỹ Hãwa* – sítio histórico da atual aldeia *Wahuri*, ocupado originalmente pelo povo de *Hèryri* há séculos atrás e retomado pelo líder *Habàhàjà* em meados dos anos 30. A palavra *hèryrihikỹ*

significa “muita (*hikỹ*) macaúba (*hèryri*)”, em razão da grande concentração de pés de macaúba no lugar até hoje.

19. *Aõni Tyhy ryna* – “lugar (*ryna*) do *aõni* de verdade (*aõni tyhy*)”. *Aõni tyhy* é o nome de um *aõni* (ser antropomorfo invisível e canibal) muito forte que habita um poço do Rio Javaés existente nesse lugar.

20. *Ijòti Hãwa* – “aldeia (*hãwa*) do barranco alto (*ijòti*)”. Nome muito antigo do sítio alto e seco, do lado da Ilha do Bananal, utilizado tradicionalmente pelos moradores da antiga aldeia *Marani Hãwa*, extinta na década de 40, para passar o inverno ocasionalmente, quando faziam expedições mais longas ao Rio Javaés.

21. *Kurà Wòkòti* – nome muito antigo de um lugar onde existia muita mangaba (*kurà*) na beira do Rio Javaés. O local era um ponto tradicional de “descida” dos moradores da extinta aldeia *Marani Hãwa* ao Rio Javaés na estação do verão. Eles faziam expedições ao rio para pescar tartarugas e às vezes passavam o inverno no sítio vizinho de *Ijòti Hãwa*.

22. *Budoè rona* – “lugar (*na*) onde comeram (*rò*) o veado (*budoè*)”, nome que faz referência a um antigo episódio ocorrido no lugar.

23. *Ruku Ijarana* – “lugar (*na*) onde a barriga grande (*ruku*) correu (*ijara*)”. *Ruku* é a palavra para “cabaça” e pode ser usada no sentido metafórico de “barriga grande”. O nome se refere a um episódio em que uma mulher idosa, que tinha a barriga grande, correu do lugar com medo de uma onça.

24. *Hejuka tyby wabèdè* – “lugar do enterro (*wabèdè*) do pai (*tyby*) de *Hejuka*”, nome do local onde um grupo de *Marani Hãwa* enterrou o pai de *Hejuka* durante uma expedição ao Rio Javaés.

25. *Kòtu wèròna* – “lugar onde (*na*) comeram (*rò*) a barriga (*wè*) da tracajá (*kòtu*)”, nome do lugar onde algumas pessoas comeram a barriga da tracajá.

26. *Mutõ Lòwòry* – o nome se refere ao início de uma passagem fluvial (*lòwòry*) de canoas que leva a uma lagoa onde existe a planta aquática *mutõ*.

27. Ahatèni – lugar onde existe a palha piaçava (ahatè) em abundância.
28. *Iroa wasina* – “lugar (na) do anzol (wasi) de Iroa”, nome do lugar onde Iroa pescou tartarugas com anzol.
29. Wòrè lýtỹ – “ninho (lýtỹ) do jaburu moleque (wòrè)”, nome do lugar onde o jaburu moleque fez o seu ninho.
30. *Woixina Ijòti* – “barranco alto (ijòti) das raízes medicinais (woixina)”, nome de um barranco alto da margem direita do Rio Javaés, onde se inicia uma maior concentração e diversificação de plantas medicinais em direção ao cerrado de Ijanakatu Hãwa, nome de um importante local da mitologia javaé relacionado ao herói Ijanakatu.
31. *Bero Ikotxi* – “atalho (ikotxi) do rio (bero)”, nome do Lago da Ferradura, situado na Ilha do Bananal, junto ao Rio Javaés, também conhecido como *Bero Tyby*, “rio (bero) velho (tyby)”. Trata-se da curva de um antigo rio que se emendou e formou uma espécie de lago.
32. *Wakareni ryna* ou *Warini ryna* – “lugar (ryna) do *Wakareni* ou *Warini*”, nome de um “*aruanã*” (ancestral ritual) que habita nas profundezas invisíveis do rio nesse local.
33. “*Saco*” *Ixena* – “lugar onde caiu (ixena) um saco”. A expressão se apropria de uma palavra do Português e se refere a um episódio ocorrido no lugar.
34. *Iradsèsò ryna* – “lugar (ryna) do *aruanã* de cabeça vermelha (iradsèsò)”, nome do poço no Rio Javaés em cujas profundezas invisíveis habita o “*aruanã*” (ancestral ritual) chamado *Ijakuhi Iradsèsò*.
35. *Ijanakatu Hãwa* – “aldeia de *Ijanakatu*”, lugar no Rio Javaés paralelo ao morro de *Ijanakatu Hãwa*, onde ocorreram importantes episódios míticos com o herói *Ijanakatu*.
36. “*Macambira*” *waxina* – “lugar onde (na) *Macambira* pescou com anzol (waxi)”, nome do lugar onde um Javaé conhecido como *Macambira* pescou com anzol.
37. *Jyrè rubuna* – “lugar onde (na) mataram (*rubu*) um jovem iniciado (*jyrè*)”, nome de um lugar onde mataram um jovem recém iniciado à Casa dos Homens, pertencente à categoria ritual dos *jyrè* (ariranha).

Nessa lista, que correspondente a um trecho relativamente pequeno do Rio Javaés, há uma impressionante condensação de informações históricas, que acessam diversas camadas do passado colonial e pré-colonial da região, as quais estão registradas em parte na literatura e são cultivadas pela memória oral e toponímica javaé. Há também uma densidade de informações que dizem respeito a todo um universo de conhecimentos mitológicos, rituais, cosmológicos, xamanísticos, socioeconômicos e ambientais.

Os itens 1 e 8 fazem referência a grandes aldeias mítico/históricas: *Kanoanõ*, que teria sido fundada em tempos míticos ao lado de um importante lugar de origem dos Javaé, e *Manatèrè*, as quais teriam sido atacadas e destruídas pelos bandeirantes no século 18. *Ikòrò Tòbò Hãwa*, mencionada no item 9, uma aldeia menor, mas situada na região de *Manatèrè Hãwa*, também teria sido destruída nessa época. Os Javaé têm uma lembrança detalhada sobre a época em que os bandeirantes atacaram suas maiores aldeias e levaram prisioneiros escravizados para os presídios e aldeamentos fundados na antiga Capitania de Goiás na primeira metade do século 18 (Rodrigues, 2008b, 2010). Segundo essa memória, os moradores das aldeias *Kanoanõ*, *Manatèrè Hãwa*, *Marani Hãwa*, *Imotxi* e *Wariwari* foram atacados e aprisionados pelos “brancos muito antigos” (*torihuhu*) e levados em carro de boi e em um batelão para um aldeamento próximo à atual Cidade de Goiás, há muitos anos atrás. *Kanoanõ*, *Manatèrè Hãwa* e *Ikòrò Tòbò* teriam sido extintas no século 18, embora os sítios de *Kanoanõ* e *Ikòrò Tòbò* tenham sido reocupados posteriormente no século 20. A literatura é farta em registros sobre a transferência de 800 Javaé e Karajá em 1780 para o aldeamento São José de Mossâmedes, o maior e mais importante da capitania, que chegou a abrigar 8.000 índios de diversas etnias, fundado nas proximidades de Vila Boa, atual Cidade de Goiás²⁰.

²⁰ Ver Silva e Souza (1849), Aires de Casal (1945), Alencastre (1864), Chaim (1974).

A primeira *Kanoanõ Hãwa*, "Aldeia (*hãwa*) de *Kanoanõ*", imensa e em forma circular, teria sido fundada na margem esquerda do Rio Javaés, onde hoje está a atual aldeia Canuanã, quando o líder *Kanoanõ*, do povo *Torohoni*, ascendeu do Fundo das Águas no local de pedras que existe dentro do rio, chamado *Torohoni ryna*, "o lugar dos *Torohoni*", junto à margem direita, em frente à atual Fundação BRADESCO. Segundo as narrativas orais, os *Torohoni* falavam uma língua parecida com a dos Javaé atuais e descobriram os tipos de milho que os Javaé conhecem, mas foram extintos por um ataque dos bandeirantes no século 17 ou 18. Algumas músicas do ritual de iniciação masculina javaé são herança do povo *Torohoni*, que também frequentava a grande aldeia *Marani Hãwa*. No fim de 1946 ou em 1947, a segunda *Kanoanõ* foi fundada na margem direita do Rio Javaés, ao lado do local de pedras mítico, por um grupo de remanescentes de epidemias e conflitos em *Wariwari*. Vicente Mariquinha, o primeiro vizinho branco, que teve autorização dos Javaé para criar gado ao lado da aldeia em 1949, em troca de proteção armada contra os temidos Avá-Canoeiro da região, cedeu seu lugar pouco anos depois ao rico fazendeiro goiano Waldemar Prudente, que instalou a sede da Fazenda *Canuanã* e seu barracão de peões ao lado da aldeia. Os novos vizinhos assediaram sexualmente as mulheres javaé e se apropriaram de vastas terras na margem direita do Rio Javaés, incluindo o sítio ocupado pelos Javaé. Por volta de 1958, atendendo a uma sugestão do SPI, os Javaé se mudaram para a margem esquerda do rio, fundando a terceira e atual *Kanoanõ*, a maior aldeia da fase pós-contato, no mesmo lugar da primeira aldeia de origem mítica. A partir de 1960, os irmãos Pazzanese, de São Paulo, adquiriram a Fazenda *Canuanã*, com mais de 100.000 ha, e destruíram o cemitério javaé e suas urnas funerárias com tratores. Nas décadas de 60 e 70, o SPI e a FUNAI estimularam a aglomeração dos remanescentes de epidemias das outras aldeias na aldeia *Kanoanõ*,

fundando o Posto Indígena *Canoanã* em 1964. Em 1973, após uma parceria com os Pazzanese, a Fundação BRADESCO se instalou no sítio ocupado pela Fazenda Canuanã.

Já *Manatèrè Hãwa*, “Aldeia (*hãwa*) da Pedra (*mana*) Dura (*tèrè*)”, item 8, tem esse nome em razão da existência muito antiga de um aglomerado da pedra *kòdò* no lugar, uma pedra especial que servia de suporte ao cozimento das refeições. O nome da aldeia também é associado ao nome de seu fundador, *Manatèrèhekỹ*, composto com um sufixo que indica uma posição de respeito. Depois que seus moradores foram aprisionados pelos “brancos muito antigos” no século 18 e levados para um aldeamento próximo de Goiás Velho, o lugar foi ocupado por duas sedes de fazenda, sucessivamente, nas últimas décadas do século 20. Há cerca de 20 anos, *Manatèrè Hãwa* está ocupada pela sede da Fazenda Lago Grande, muito próxima da aldeia São João, que destruiu com tratores as pedras *kòdò* e as “panelas de barro” (*watxiwii*) fabricadas pelos antepassados dos Javaé e que ainda eram vistas no lugar.

O item 18 faz referência à aldeia *Hèryrihikỹ Hãwa*, que foi fundada e habitada pelo povo *Hèryri* em tempos pré-coloniais. Esse povo seria apenas um entre dezenas de povos dos quais os Javaé lembram em sua tradição oral como habitantes da região da Ilha do Bananal e arredores antes da colonização e a decorrente dizimação, o que é confirmado pela literatura histórica. Há registros da existência de diversos povos indígenas, a maior parte atualmente extinta, habitando dentro da Ilha do Bananal e arredores na época da chegada dos primeiros colonizadores, como os Tapirapé, Xavante, Mangariruba, Cururu, Craya, Gradaú, Tessemedú, Amadú, Guayá-Guasú, Capepuxi, Coroá, Coroá-mirim, Noroguagés, Pochetys, Appynagés, Cortys e Xerentes, entre outros, além dos Javaé e Karajá²¹. O lugar de *Hèryrihikỹ Hãwa*, onde atualmente está a aldeia *Wahuri*, foi reto-

²¹ Aires de Casal (1945), Pizarro e Araújo (1948), Silva e Souza (1849), Chaim (1974).

mado pelo xamã javaé *Habàhàjà* em meados dos anos 30, época em que se alastraram as epidemias trazidas pelos primeiros criadores de gado, funcionários do SPI, missionários e outros que adentraram ao território javaé. *Habàhàjà* e sua família eram originários da grande e interiorana aldeia *Marani Hãwa*, importante centro cultural e político (Rodrigues, 2008b), e moraram por dois anos em *Hèryrihikỹ Hãwa*, em um tempo em que as epidemias trazidas pelos primeiros criadores de gado e outros invasores causaram grande desestruturação nas aldeias tradicionais, em razão das mortes em massa e das decorrentes acusações de feitiçaria que levavam a conflitos e deslocamentos de grupos para novas aldeias, conforme mencionado no início. Essa nova e definitiva onda de colonização nas décadas de 30 e 40 causou a extinção das grandes aldeias interioranas da Ilha do Bananal e a transferência dos sobreviventes para as margens do Rio Javaés (Rodrigues, 2008b, 2010).

Já o item 17 se refere à aldeia *Tabàlana Hãwa*, que também foi fundada pelo mesmo xamã *Habàhàjà* no fim da década de 30, só que no outro lado do Rio Javaés (margem direita, fora da Ilha do Bananal), depois que abandonou *Hèryrihikỹ Hãwa*. Essa aldeia teve pouca duração, mas chama a atenção que seu nome deriva do fato de o local, em um plano invisível e abaixo do leito do rio, ser considerado como o lugar de moradia permanente do “aruanã” (irasò) chamado *Tabàlana*. Como já foi explicado, os aruanãs, que tomam a forma de uma dupla mascarada e andrógina, são os ancestrais imortais que viveriam atualmente no nível cosmológico conhecido como o Fundo das Águas, em sua maioria, sendo considerados como “os donos” (*wèdu*) dos animais de caça e dos peixes. Em outras palavras, esse nome de um trecho do rio faz uma conexão direta com um plano invisível da cosmologia que sustenta o rico universo social javaé e os rituais anuais que se baseiam na reciprocidade entre humanos e ancestrais e na distribuição de alimentos entre os grupos de parentes.

Os ancestrais mágicos são alimentados aqui – pelos humanos – com os animais e peixes que eles gostam de comer no Fundo das Águas. Nas festas de encerramento do ciclo anual da Dança dos Aruanãs (*Imonariòrè, Imonahakỹ, Idòriòrè e Idòhokỹ*) e no ritual de iniciação masculina (*Hetohokỹ*), principalmente, os homens buscam os “alimentos de origem animal dos aruanãs” (*irasò dò*) em pescarias e caçadas rituais coletivas. Os xamãs entram em contato com os ancestrais nos lugares das pescarias e caçadas para que eles liberem os animais, os quais são tidos como animais de estimação ou “bens de valor” (*nohõ*) de seus donos. Dentro da Casa dos Homens e da Casa Grande, na volta das expedições, toda a comunidade masculina se reúne, sem distinção, para partilhar dos alimentos saborosos dos ancestrais, que são preparados pelas mulheres e distribuídos para a coletividade durante os rituais. Os itens 32 e 34 também se referem a outros aruanãs/ancestrais que habitariam as profundezas invisíveis do Rio Javaés em lugares específicos, como o *Wakareni* e o *Iradsèsò*, respectivamente. Assim como as aldeias dos humanos sociais, eles moram em unidades territoriais definidas (*hãwa*) no Fundo das Águas.

Aõni Tyhy ryna, “lugar do *aõni* verdadeiro”, nome do item 19, é a denominação de outro ser invisível da cosmologia nativa, pertencente à categoria geral dos *aõni*, seres antropomorfos e canibais que se contrapõem aos aruanãs nos rituais. Todos os rios, lagos fundos e aglomerados de matas mais significativos seriam controlados pelo *aõni* ou aruanã que habita em seus correspondentes invisíveis. Por exemplo, enquanto o dono do Lago das Piranhas (*Wala Ahu*) é o aruanã *Wala Ijareheni*, os *aõni* chamados *Leimỹlò* (um tipo de sucuri mágica), e *Kuòruni* (um tipo de peixe elétrico mágico) são os donos de todas os campos de várzea inundados (“varjões” ou *bedero*) e dos lagos dos varjões (*bedero ahu*), que não secam durante o verão. O item 19 da lista se refere ao *aõni* que controla aquele determinado lugar do Rio Javaés.

O item 35 da lista, por sua vez, se refere a um importante lugar da vasta mitologia javaé, que remete a um tempo pré-colonial e ao mesmo tempo contemporâneo, situado nas proximidades desse trecho do rio. *Ijanakatu Hãwa* seria a “aldeia” onde teriam ocorrido vários episódios centrais dos tempos da criação do mundo com o herói *Ijanakatu*. Ao lado de *Tanỹxiwè*, que conquistou o sol e vários outros bens para a humanidade, *Ijanakatu* é o outro grande herói mítico dos Javaé, a quem são atribuídos poderes mágicos, sagacidade e percepção intuitiva extraordinários. *Ijanakatu* e seus irmãos seriam os precursores míticos da metade cerimonial *Saura*, de mais prestígio, associada ao nível cosmológico superior (*Biu*) e ao rio acima (*ibòkò*), e de destacada atuação no ritual de iniciação masculina. Na versão javaé da mitologia, *Ijanakatu Hãwa* é o lugar exato onde *Ijanakatu* nasceu e viveu ainda criança com seus irmãos antes de sair pelo mundo realizando diversas conquistas. Entre os fatos protagonizados por *Ijanakatu* e sua família no lugar, está o episódio do casamento de *Ijanakatu* e um dos seus irmãos, já rapazes, com as duas filhas do Sol (*Txuu*), que deu origem à menstruação, e sobre o qual há versões na literatura karajá. Ao fim do seu périplo terrestre, *Ijanakatu* subiu para o nível cosmológico superior (*Biu*, “Céu”), onde vive agora ao lado de outros heróis criadores (*Tanỹxiwè*, *Rararesa*, *Xiburè*). Aos habitantes do Céu é atribuído um poder extraordinário (*xiburè*) de transformação e cura pelo fato de terem ascendido “com o corpo original intacto” (*taumỹdi rare*), sem nunca terem passado pelo processo da morte. É justamente essa característica que os torna curadores poderosos, aos quais os xamãs (*hàri*) recorrem para buscar o poder de cura que usam aqui na terra.

A “Aldeia de *Ijanakatu*” situa-se em uma área de cerrado única fora da Ilha do Bananal – no centro da qual existe um morro, o lugar propriamente conhecido como *Ijanakatu Hãwa* – que é rica em plantas medicinais, algumas das quais não são encontradas em

nenhum outro lugar do território javaé. Esse santuário de plantas medicinais, de importância simbólica, histórica, espiritual e socioeconômica extraordinária para os Javaé de todas as aldeias, teria surgido no local onde o herói *Ijanakatu* habitou em tempos míticos, impregnando assim o lugar com o seu poder criador e curador até hoje. O item 30 diz respeito a esse santuário medicinal no cerrado, pois seu nome – *Woixina Ijòti*, “barranco alto (*ijòti*) das raízes medicinais (*woixina*)” –, indica o local exato onde se inicia uma maior concentração e diversificação de plantas medicinais dessa região associada aos poderes extraordinários do herói *Ijanakatu*.

Além dessas informações do universo simbólico e histórico, a toponímia revela todo um repertório de conhecimento tradicional sobre os recursos “naturais” da região, como nesse exemplo das ervas medicinais e nos outros relativos aos recursos abundantes no local, para usos diversos, como os itens 2 (árvore algodoeira), 3 (peixe cari ou cascudo), 4 (árvore *latèkòwò*), 7 (árvore embaúba), 11 (árvore macambira), 13 (árvore caraíba), 21 (árvore mangabeira), 27 (palha piaçava). Há também informações histórico-geográficas sobre antigos lugares de passagem para outros lugares importantes como o item 10, que se refere à “boca do Lago *Ahu Raru*”, nome do lugar onde o lago se emenda ao Rio Javaés, que é o principal ponto de entrada dos Javaé da aldeia São João nas terras da margem direita do Rio Javaés; ou o item 21, nome muito antigo de um ponto tradicional de “descida” dos moradores da extinta aldeia *Marani Hãwa* ao Rio Javaés na estação do verão para expedições de pescaria. O item 12, referente à foz do Rio Água Fria no Rio Javaés, informa um importante limite espacial do território, que era é divisa entre as microrregiões das aldeias São João e *Wahuri*.

Por fim, terminando os breves comentários sobre a toponímia desse segmento do rio, que poderiam se estender por muitas outras páginas, cabe destacar o item 6, cujo nome, *Wyhy Ijarana*, diz respeito

a um importante evento histórico que faz parte do grande repertório de memória dos Javaé sobre a presença histórica dos Avá-Canoeiro do Araguaia na bacia do Rio Javaés desde meados do século 19, com quem trocaram hostilidades contínuas até meados do século 20. Esse nome nos remete ao lugar onde os dois grupos flecharam-se mutuamente, embora sem mortes, que hoje é conhecido como Barreira do Tingui pelos regionais e é o limite entre as unidades territoriais (*hãwa*) das aldeias *Canoanã* e São João. A decodificação do nome pelos Javaé traz a informação crucial de que os Avá-Canoeiro estavam na margem direita do Rio Javaés, onde se deslocavam por grandes distâncias, e os Javaé na margem esquerda, dentro de Ilha do Bananal. Esse nome é um entre vários outros da toponímia associada ao Rio Javaés e às terras adjacentes às suas margens que identificam com precisão a presença histórica dos avá-canoeiro na bacia do Rio Javaés desde o século 19, incluindo um mito de origem dos *Kyrysa* (nome javaé dos Avá-Canoeiro) dentro da Ilha do Bananal e um ritual que conta com a presença de espíritos mascarados dos Avá-Canoeiro mortos em batalha. A memória toponímica javaé sobre seus antigos inimigos, corroborada pela memória oral dos próprios Avá-Canoeiro e pela literatura histórica, foi uma fonte central dos dados etnohistóricos que subsidiaram um relatório antropológico para a FUNAI de identificação e delimitação de uma terra indígena (*Taego ãwa*) de ocupação tradicional dos Avá-Canoeiro do Araguaia na margem direita do Rio Javaés (Rodrigues, 2012, 2013a).

A contemporaneidade do tempo/espço da criação e dos habitantes do cosmos

Em termos de contribuição para a crítica à colonialidade do poder e do saber, de acordo com o que propõem Quijano (2005) e

Segato (2012), surge da decodificação desse material javaé a possibilidade de construção de uma narrativa histórica – enquanto consciência social sobre a produção e reprodução da sociedade ao longo do tempo – legítima e fonte de informações complexas a partir de critérios não eurocêtricos.

Em primeiro lugar, não se tem aqui uma concepção evolutiva e ao mesmo tempo dual da temporalidade e das sociedades, como aponta Quijano (2005), baseada na diferença racial/biológica entre povos inferiores e superiores, associados em graus diversos à dualidade natureza/cultura, ao modo do clássico evolucionismo que orienta concepções históricas eurocentradas. Como não há uma distinção radical para os Javaé entre os domínios da cultura e da natureza, sujeito e objeto, espírito e corpo, uma vez que a materialidade dos seres e coisas partilham algo da agencialidade humana, segundo sua teoria da construção da realidade, a grande diferença conceitual significativa não é aquela entre humanos e não humanos, ou entre cultura e natureza, mas entre os tipos de humanos existentes (Rodrigues, 2008b). A realidade material e física é inseparável do fenômeno social, em que o cosmo em sua totalidade é compreendido como um produto da agência humana, de modo que a reprodução da “cultura/sociedade” e do “meio ambiente” é parte de um mesmo e complexo processo.

Não se tem, portanto, o conceito de raça biológica nem o “binarismo” colonial cultura / natureza, apontado por Segato (2012), em que a alteridade é objetificada e expurgada para o espaço/tempo inferior da “natureza”. Ao contrário, todos os seres humanos, o que inclui os diferentes povos e os diferentes gêneros, partilham de um mesmo *status* ontológico e são vistos como plenamente sociais, ainda que dentro de uma gradação hierárquica de prestígio. Nessa concepção, não existem “raças” atuais associadas a um passado natural e inferior (Quijano, 2005), que seriam o “passado” da

sociedade eurocentrada, nem uma evolução para uma sociedade superior, mas um único tempo/espço histórico compartilhado plenamente por todos os seres do universo, incluindo os ancestrais que viveriam em níveis cosmológicos diversos, fazendo parte da estrutura cósmica e social a permanente mediação entre continuidade e transformação (Rodrigues, 2008b).

Os “tempos/espços da criação” ou os “tempos/lugares míticos”, assunto central nas narrativas orais, em que o mundo surge como um produto da agência social dos humanos, não se reduzem a um tempo/espço remoto e inacessível, mas apenas são um conceito sofisticado para o “tempo/espço da transformação” social, contemporâneo a todas as épocas e tipos de seres humanos. A qualidade essencial desse “tempo/espço” é a capacidade criativa e de transformação da agência humana, que permanece impregnada, imanente, em seus produtos, como no exemplo de *Ijanakatu Hãwa*, de modo que os lugares significativos da paisagem do ponto de vista mítico/histórico não são natureza dissociada e objetificada, mas parte dos sujeitos humanos que os criaram. A unidade da agência criativa, não é, contudo, um indivíduo, mas relações sociais entre seres humanos.

Navegar pelo Rio Javés a partir de uma perspectiva decolonial é aceitar a memória oral indígena como fonte histórica legítima e crível a partir de seus próprios termos. É se deparar com uma leitura do mundo e de suas transformações ao longo do tempo a partir de uma narrativa holista e não linear, que é ao mesmo tempo histórica, geográfica, ambiental e cosmológica, embora suas premissas transcendam dualismos coloniais reducionistas. É ser guiado por um olhar humanizado que se interessa mais pelas possíveis semelhanças do que pelas supostas diferenças irreduzíveis entre os seres diversos que habitam o cosmos.

Referências bibliográficas

AIRES DE CASAL, MANUEL. **COROGRAFIA BRASÍLICA**. RIO DE JANEIRO: IMPRENSA NACIONAL, 1945 [1817].

ALENCASTRE, JOSÉ MARTINS PEREIRA DE. ANNAES DA PROVÍNCIA DE GOYAZ. **REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL**, TOMO 27 5-186, P. 229-349, 1864.

CHAIM, MARIVONE MATOS. **OS ALDEAMENTOS INDÍGENAS NA CAPITANIA DE GOIÁS**. GOIÂNIA: ORIENTE, 1974.

COSTA JÚNIOR, PLÁCIDO. **RELATÓRIO AMBIENTAL À IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA INÃWÉBOHONA (ANTERIORMENTE DENOMINADA "BOTO VELHO")**. BRASÍLIA: FUNAI/PPTAL, 1999.

CRUVINEL, NORALDINO VIEIRA. RELATÓRIO: P.I. **CANOANÃ, ILHA DO BANANAL, GO**. BRASÍLIA: FUNAI, 1976.

DONAHUE, GEORGE. **A CONTRIBUTION TO THE ETHNOGRAPHY OF THE KARAJÁ INDIANS OF CENTRAL BRAZIL**. 1982. TESE (DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA) - DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA, UNIVERSIDADE DE VIRGINIA, CHARLOTESVILLE, 1982.

EHRENREICH, PAUL. CONTRIBUIÇÕES PARA A ETNOLOGIA DO BRASIL. **REVISTA DO MUSEU PAULISTA** v. 2, P. 7-136, 1948.

FÉNELON COSTA, MARIA HELOÍSA. **A ARTE E O ARTISTA NA SOCIEDADE KARAJÁ**. BRASÍLIA: FUNAI, 1978.

FERRAZ, LUCIANA. **RELATÓRIO AMBIENTAL DA TERRA INDÍGENA JAVAÉ / AVÁ-CANOIEIRO**. BRASÍLIA: FUNAI/ UNESCO, 2010.

KRAUSE, FRITZ. NOS SERTÕES DO BRASIL. **REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO**, v. 90, P. 179-193, 1943 [1911].

LIMA FILHO, MANUEL FERREIRA. **HETOHOKY: UM RITO KARAJÁ**. GOIÂNIA: UCG, 1994.

_____. **O DESENCANTO DO OESTE**. GOIÂNIA: UCG, 2001.

LIPKIND, WILLIAM. CARAJÁ COSMOGRAPHY. **THE JOURNAL OF AMERICAN FOLKLORE**, VOL. 53, N. 210, p.248-251, 1940.

PÉTESCH, NATHALIE. **LA PIROGUE DE SABLE: PÉRENNITÉ COSMIQUE ET MUTATION SOCIALE CHEZ LES KARAJÁ DU BRÉSIL CENTRAL**. PARIS: PEETERS, 2000.

PIZARRO E ARAÚJO, JOSÉ DE SOUZA AZEVEDO. **MEMÓRIAS HISTÓRICAS DO RIO DE JANEIRO (E DAS PROVÍNCIAS ANEXAS)**. VOL. 9. RIO DE JANEIRO: IMPRENSA NACIONAL, 1948 [1819].

QUIJANO, ANÍBAL. COLONIALIDADE DO PODER, EUROCENTRISMO E AMÉRICA LATINA. **IN: 4 COLONIALIDADE DO SABER: EUROCENTRISMO E CIÊNCIAS SOCIAIS. PERSPECTIVAS LATINO-AMERICANAS**. BUENOS AIRES: CLACSO, CONSEJO LATINO-AMERICANO DE CIENCIAS SOCIALES, 2005. p.117-142.

RODRIGUES, PATRÍCIA DE MENDONÇA. **O Povo do Meio: Tempo, Cosmo e Gênero entre os Javaé da Ilha do Bananal**. 1993. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM ANTROPOLOGIA) - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA, 1993.

_____. **RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO: TERRA INDÍGENA UTARIA WYHYNA (KARAJÁ) / IRÒDU IRÀNA (JAVAÉ)**. BRASÍLIA: PPTAL/FUNAI, 2008A.

_____. **A CAMINHADA DE TANÏXIWÈ: UMA TEORIA JAVAÉ DA HISTÓRIA**. 2008B. TESE (DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA) - UNIVERSIDADE DE CHICAGO, CHICAGO, 2008B.

_____. **RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO: TERRA INDÍGENA JAVAÉ/ AVÁ-CANOEIRO**. BRASÍLIA: FUNAI, 2010.

_____. **RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO: TERRA INDÍGENA TAEGO ÑWA**. BRASÍLIA: FUNAI, 2012.

_____. OS AVÁ-CANOEIRO DO ARAGUAIA E O TEMPO DO CATIVEIRO. **ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO**, RIO DE JANEIRO, v. 38, NO. 1, P. 83-131, JUL. 2013A.

_____. **RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE REESTUDO DE LIMITES: TERRA INDÍGENA TAPIRAPÉ/KARAJÁ**. BRASÍLIA: FUNAI, 2013B.

_____. **RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE REESTUDO DE LIMITES: TERRA INDÍGENA KARAJÁ / SANTANA DO ARAGUAIA (PA) (A SER DENOMINADA TERRA INDÍGENA BISA BERO)**. BRASÍLIA: FUNAI, 2015.

_____. **RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO: TERRA INDÍGENA RÊNÕÀ BERO (RIO BELEZA) (MT)**. BRASÍLIA: FUNAI, 2018.

SEEGER, ANTHONY. **NATURE AND SOCIETY IN CENTRAL BRAZIL: THE SUYA INDIANS OF MATO GROSSO**. CAMBRIDGE: HARVARD UNIVERSITY PRESS, 1981.

SEGATO, RITA LAURA. **GÊNERO E COLONIALIDADE: EM BUSCA DE CHAVES DE LEITURA E DE UM VOCABULÁRIO ESTRATÉGICO DESCOLONIAL**. IN: E-CADERNOS CES, 18, 2012: 106-131. DISPONÍVEL EM [HTTPS://JOURNALS.OPENEDITION.ORG/ECES/1533](https://journals.openedition.org/eces/1533). ACESSO EM 29.01.2019.

SILVA E SOUSA, LUIZ ANTÔNIO DA. MEMÓRIA SOBRE O DESCOBRIMENTO, GOVERNO, POPULAÇÃO E COUSAS MAIS NOTÁVEIS DA CAPITANIA DE GOYAZ. **REVISTA TRIMENSAL DE HISTÓRIA E GEOGRAPHIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO (IHGB)**, v.12, p. 429-519, 1849.

TEIXEIRA, DANTE LUIZ MARTINS. UM ESTUDO DA ETNOZOOLOGIA KARAJÁ: O EXEMPLO DAS MÁSCARAS DE ARUANÃ. IN: **O ARTESÃO TRADICIONAL E SEU PAPEL NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**. FUNARTE/INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE, 1983. P. 213-232.

TENAXI JAVAÉ, RICARDO. **NAS ÁGUAS DO RIO JAVAÉS: HISTÓRIA, COSMOLOGIA E MEIO AMBIENTE**. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, PALMAS, 2019.

TORAL, ANDRÉ AMARAL DE. **COSMOLOGIA E SOCIEDADE KARAJÁ**. 1992. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, MUSEU NACIONAL, RIO DE JANEIRO, 1992.

_____. **RELATÓRIO ANTROPOLÓGICO À IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA INĀWÉBOHONA (ANTERIORMENTE DENOMINADA “BOTO VELHO”)**. BRASÍLIA: FUNAI/PPTAL, 1999.

VILLAS BÔAS, ORLANDO & VILLAS BÔAS, CLÁUDIO. **A MARCHA PARA O OESTE: A EPOPÉIA DA EXPEDIÇÃO RONCADOR-XINGU**. SÃO PAULO: GLOBO, 1994.

VIVEIROS DE CASTRO, EDUARDO B. **INDIVÍDUO E SOCIEDADE NO ALTO XINGU: os YAWALAPITI**. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL) — UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, MUSEU NACIONAL, RIO DE JANEIRO, 1977.